

# A lógica da esperança — Nascemos novos sujeitos a cada encontro<sup>1</sup>

Ana Rosa Chait Trachtenberg<sup>2</sup>

**Resumo:** Procuramos mostrar que a lógica vincular — aqui chamada lógica da esperança ou lógica do gerúndio — permite novas subjetividades a cada encontro entre dois ou mais outros, graças ao efeito de presença e à interferência.

**Palavras-chave:** Ajenidad. Entre. Esperança. Interferência. Outro. Presença. Vínculo.

Vou me referir aqui à Trama Vincular, mais do que à Trama Intersubjetiva, como proposta no título desta mesa.

O termo Vínculo, polissêmico na atualidade, aqui será utilizado como conceito específico preconizado por Isidoro Berenstein e Janine Puget, que entendem vínculo como uma atividade “entre dois”, uma produção, UMA TRAMA VINCULAR, entre sujeitos, a partir da qual ambos produzem novas subjetividades. Me refiro ao que os autores denominam a Lógica do DOIS.

É uma maneira de pensar que obedece a uma lógica diferente à lógica da psicanálise clássica, dedicada ao mundo interno das representações inscritas desde os primeiros anos de infância, ao complexo de Édipo, às relações de objeto, enfim, ao intrapsíquico, que é a lógica da singularidade, a Lógica do UM.

Uma não anula a outra, são lógicas paralelas que não se harmonizam, não se encontram, mas estão presentes no cenário psíquico e na sala de análise.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na Mesa “O outro na trama intersubjetiva” na Jornada da Brasileira “O nascimento do Eu”, em 5/11/2021.

<sup>2</sup> Membro titular com função didática da SBPdePA.

Falar da lógica da metapsicologia vincular implica levar em conta o que ocorre por resultado da *Presença* do outro, do *encontro entre sujeitos*. Trata-se de uma concepção que excede a reconstrução do passado infantil, a que se relaciona com a ausência. A presença inclui possibilidades de novas e novas subjetivações em decorrência do trabalho de vínculo, da trama vincular.

### **Presença e Ausência — Diferentes Concepções**

Aqui não estamos falando das presenças infantis primárias nas quais o objeto esteve e não está mais, virou representação.

O termo Ausência designa o que não está presente, enquanto que a Presença marca o que está. Entretanto, para Berenstein, deve-se agregar ao conceito de Presença não só o que está sob o império da percepção, mas também *o efeito que o outro provoca em nós, bem como nós ao outro, impondo uma marca que me modifica e o modifica*. Impõe uma desacomodação a ambos os sujeitos do encontro.

Mais que uma opção de escolher entre a ausência do objeto e a presença do outro deveríamos poder pensar em uma zona fluida que resulta do vaivém entre ambas. Presença se liga à densidade do corpo, do qual se pode obter uma imagem, a qual se pode investir, porém da qual se deverá aceitar um traço de inacessibilidade que assinala seu caráter de estranho, de ajeno. (Berenstein, 2010, p. 8)

### **“Ajenidad”<sup>3</sup>**

Berenstein (2005) salienta que o “Ajeno” pode ser fonte de dor, à medida que fere o aspecto narcisista, mas também pode ser fonte de descobrimento, de novidade e de vínculos. Demarca a diferença objeto outro, reforçando que objeto se refere a uma construção do ego em decorrência das vivências infantis, carregadas de desejos, base das representações das experiências infantis veiculadas pelos movimentos de projeção e introjeção. O objeto se instala no mundo interno pela ausência do outro.

Berenstein (2005) alerta para a possibilidade de que o ajeno não seja passível de expressar-se em palavras, pois tanto introduz como resulta do heterogêneo. Hetero representa o estrangeiro, o qual os gregos denominavam de bárbaro, não civilizado, ou seja, não igual a mim. Ainda hoje, estrangeiro segue designando o estranho, claro que desde um pensamento de semelhança e que indica o que não é homogêneo.

<sup>3</sup> O termo Ajenidad será mantido no original em espanhol.

A “Ajenidad” é uma condição que se mostra irreductível à identificação, e requer fazer-se um lugar a outro ajeno. Nesse sentido, inaugura outra Ética, diferente daquela baseada na centralidade do Eu, que busca a semelhança e a manutenção do Eu no lugar de centro.

## O Vincular

A Psicanálise Vincular — a Lógica do DOIS (DOS) — trabalha com o que excede (ao reprimido e/ou representado), trabalha com a trama entre dois ou mais outros, com o efeito de presença-ajenidad, com a diferença radical, com a não-história e a indeterminação, o novo de cada encontro, o que não havia antes, uma nova subjetividade a cada encontro. Por isso, chamo também de lógica da esperança ou lógica do gerúndio.

Há uma alteridade que desacomoda e é propulsora do viver e do encontro.

Desde esta perspectiva, não *somos* — identitário — e sim vamos *sendo*.

Destaco aqui o conjunto de formulações que foram sintetizadas por Isidoro Berenstein em sua obra *El sujeto y el Otro* (2001).

I) Vincular se trata da relação de um sujeito com outro considerado como tal. O outro excede o que chamamos de uma relação com o objeto externo.

II) O outro oferece um setor semelhante, um diferente e um setor “ajeno”.

III) O vínculo é com o outro, portanto requer uma relação de presença.

IV) Considera-se ajenidad em uma relação significativa tudo aquilo do outro que os sujeitos não logram inscrever como próprio.

V) Há três elementos “ajenos” ao eu: o inconsciente reprimido, o outro e a dimensão social da qual fazemos parte. São de ordem diferente as operações que tenho para fazer para vincular-me com o ajeno em mim, das que deverei fazer com o ajeno do outro e do conjunto social.

VI) O mecanismo constitutivo do vínculo é a imposição. Enquanto que na relação de objeto é a projeção-introjeção em suas distintas variedades.

VII) Cada encontro significativo implica uma novidade, uma origem.

VIII) O sujeito constitui subjetividade em cada vínculo significativo. Dito de outra maneira, em cada vínculo se gera um sujeito. Então, junto com a divisão do eu postula uma multiplicidade do sujeito.

Janine Puget sublinhou nossas subjetividades múltiplas, cada uma com uma origem própria. Ela diz:

Talvez podemos deixar abertos caminhos para o futuro que não seja repetição nem elaboração, mas sim algo aberto iluminado por algum dos muitos universos e sóis que iluminam nossas vidas, sem que tenhamos percebido. . .

Hoje já é possível levar em conta que já não podemos nos referir a que nossas vidas têm uma única origem, nem somente um centrado qual dependeria a vida das pessoas e dos conjuntos. Faz-se necessário pensar em múltiplos centros, cada um deles com a sua lógica própria e o que rege em cada um deles não é trasladável ao que rege na outra. Ou seja, as lógicas têm em conta o múltiplo e o heterogêneo. (Puget, 2020)

Em 2018, Puget afirma, no prefácio do livro *Por que psicanálise vincular?*, que “. . . a constituição subjetiva está em constante movimento e produz pertencimento a diversos conjuntos” (p. 12).

Júlio Moreno (2016) nos recorda de que há uma ética própria para cada origem Singular, Vincular e Social. A singularidade se relaciona ao núcleo identitário, nosso passado infantil reprimido, que aparece em ausência, na lógica do UNO e da Intersubjetividade. O objeto esteve, marcou, representa-se na ausência e se repete na transferência. Fazem parte dessa lógica o determinismo histórico e as reconstruções, no melhor estilo freudiano, pertencentes ao nosso dia a dia psicanalítico.

### **Transferência e Interferência**

A noção de Interferência introduzida por Berenstein (2004) tenta dar conta dos fenômenos que ocorrem no psiquismo do sujeito por efeito da presença do outro. Assim como a transferência é um conceito fundamental para a psicanálise clássica, a interferência o é para a psicanálise vincular.

Enquanto a transferência remete aos desdobramentos do mundo infantil e das relações objetais sobre a relação do paciente com o analista, a interferência se define pelo que é produzido ENTRE ambos, por ação do vínculo. Não se trata da repetição do que está representado no aparelho psíquico, mas sim do novo que excede e não pode ser reduzido nem remetido ao previamente inscrito, promovendo uma experiência de não coincidência e de surpresa.

A proposta da Psicanálise Vincular de Isidoro Berenstein e Janine Puget agrega a perspectiva vincular ao modelo clássico, expandindo-a das terapias de casal e família para as análises individuais, dando à pessoa do analista um status até então pouco considerado. Diversamente da lógica da transferência, em que o analista é o suporte para a repetição e a revivência das relações objetais do paciente, a lógica da interferência trabalha com o novo, com o inédito produzido ENTRE paciente e analista, resultante de ação recíproca.

Júlio Moreno (2016) diz: “Só podemos dar umas voltas, oferecer nosso próprio inconsciente para que se conecte, vincule e produza” (p. 23).

## Dispositivo Vincular

A inserção do outro em presença proposta pela psicanálise vincular exigiu uma metapsicologia mais além da que conhecemos, centrada no Eu e fundamentada nos conceitos de pulsão, representação e objeto. O dispositivo analítico, seja entre duas ou mais pessoas, ativa não apenas as representações, mas também algo que se produz no encontro, no espaço *entre-sujeitos*, por efeito de presença.

O analista, apesar da intenção consciente de neutralidade, está implicando como outro em presença, dotado de uma irredutível alteridade, além da própria subjetividade, passível de transferência e recortes na escuta. Assim, o intercâmbio analítico é palco tanto das repetições transferenciais e contratransferenciais como de emergência do novo, do inusitado fruto do fenômeno de interferência e do trabalho de vínculo que o não conhecido aciona no psiquismo.

Janine (2015) fala de diferentes formas de o analista intervir. Quando interpreta, intervém sobre fenômenos transferenciais, buscando sentidos e significados para as relações de objeto que se repetem na transferência. Mas as intervenções do analista podem se inscrever também como interferência, quando assinala as diferenças, o elemento diverso ou novo que emerge da produção vincular, do espaço entre-sujeitos. Além da repetição transferencial, o analista deve estar aberto à ocorrência de novas produções subjetivas, vivências inéditas decorrentes do efeito de presença do(s) outro(s).

Desde a perspectiva vincular, uma das metas de uma cura psicanalítica poderia ser a de pensar entre dois, captando, conhecendo, tolerando o impossível de conhecer do outro e significando a diferença entre cada dimensão, dar-se conta do que suscita em angústia e defesas a heterogeneidade, a incerteza com seu conteúdo empírico — a perplexidade e uma inquietude indefinida, curiosidade, etc. Isso permite diferentes processos de pensamento: aqueles que nascem do vazio, da falta, da frustração, da tentativa falha de unir o que não se pode unir, e os que nascem das constituições subjetivas surgidas do que excede, do presente, da novidade, tanto pelo que o outro impõe com sua alteridade como pela percepção daquilo que se mantém *ajeno*.

Viver em desequilíbrio, que gera curiosidade, vínculo. Assim se manifestou Janine Puget em sua última aparição pública, já extremamente fragilizada fisicamente, mas também extremamente lúcida, no Congresso da FEPAL, no final de outubro de 2020. Poucos meses antes, numa atividade promovida pelo Núcleo de Vínculos da SBPdePA, que chamamos Roda Viva, Puget se autodenominou Transgressora.

Janine fala do fazer juntos exemplificando o consultório em sua dimensão singular, pensado e instituído pelo analista, com enquadre e setting. Mas existe a

dimensão dada pelo conjunto analisando-analista, sendo que com cada conjunto se constrói um espaço. Habitar esse espaço não tem a ver com a transferência do modo de habitar os espaços das histórias singulares, mas de um fazer juntos cujos efeitos são imprevisíveis. Na relação analítica, joga-se as duas dimensões: o analista é alvo da transferência, fazendo parte da história prévia do analisando, ao mesmo tempo em que estabelece com ele uma relação inédita em que ambos vão sendo sujeitos. Analista objeto e analista sujeito convivem.

O imprevisível costuma despertar angústias e acionar defesas, entre elas, o recobrimento do inusitado com a própria história, com o conhecido. Janine exemplifica, questionando se a escolha do casal dependeria apenas do passado de cada um ou se seria imprevisível, não determinada, podendo modificar a história do sujeito. Pensa que as duas dimensões sempre jogam simultaneamente.

### **Vínculo — novidade equilíbrio / incerteza desequilíbrio**

Talvez a minha esperança é que hoje seja possível colocar ênfase em descobrir o que fazer com o diferente, com a diferença, sem que isso tenha que ser resolvido harmonicamente. Não aprendemos a conviver com o múltiplo. É frequente confundir diálogo, conversar, com monólogo dialogado. Conversar é escutar algo inesperado e talvez descobrir que a Diferença é cada vez mais ativa e criadora de curiosidade insaciável. . . . Quando em um vínculo o intercâmbio não ativa a curiosidade, algo se apaga. . . (Puget, 2020)

Com a letra da música *O bêbado e o equilibrista*, de João Bosco e Aldir Blanc, e imortalizada na voz de Elis Regina como o hino da ditadura e da esperança, presto minha homenagem a Janine Puget, falecida em novembro de 2020, aos 94 anos. Seu engajamento político, em especial no tema dos desaparecidos durante a ditadura militar na Argentina, merece mais este reconhecimento. Suas contribuições de subjetividade social, entre tantas outras, abrem espaço para a lógica do gerúndio e da esperança.

#### **O bêbado e o equilibrista**

Caía a tarde feito um viaduto  
 E um bêbado trajando luto me lembrou Carlitos  
 A lua, tal qual a dona de um bordel  
 Pedia a cada estrela fria um brilho de aluguel  
 E nuvens lá no mata-borrão do céu  
 Chupavam manchas torturadas  
 Que sufoco  
 Louco

O bêbado com chapéu-coco  
Fazia irreverências mil  
Pra noite do Brasil  
Meu Brasil  
Que sonha com a volta do irmão do Henfil  
Com tanta gente que partiu  
Num rabo de foguete  
Chora  
A nossa Pátria mãe gentil  
Choram Marias e Clarices  
No solo do Brasil  
Mas sei que uma dor assim pungente  
Não há de ser inutilmente  
A ESPERANÇA  
DANÇA NA CORDA BAMBA DE SOMBRINHA  
E EM CADA PASSO DESSA LINHA  
PODE SE MACHUCAR  
AZAR  
A ESPERANÇA EQUILIBRISTA  
SABE QUE O SHOW DE TODO ARTISTA  
TEM QUE CONTINUAR

### **The hope logic — being new subjects in every meeting**

**Abstract:** We intend to show that the link logic — here called hope logic or logic of the gerund — allows for new subjectivities in each encounter between two or more others, in consequence of the presence effects and interference.

**Keywords:** In between. Interference. Hope. Link. Other. Otherness. Presence.

### **Referências**

Berenstein, I. (2001). *El sujeto y el Otro: De la ausencia a la presencia*. Buenos Aires: Paidós.

Berenstein, I. (2004). *Devenir Otro con Otro(s)*. Buenos Aires: Paidós.

Berenstein, I. (2005). El debate que propone la vincularidad. *Revista Actualidad Psicológica*, 330.

Berenstein, I. (2010). Conflictos en la pareja y/o conflictos de pareja. *Revista Actualidad Psicológica*, 386.

Moreno, J. (2016). *El psicoanálisis interrogado: De las causas al devenir*. Buenos Aires: Lugar Editorial.

Puget, J. (2015). *Subjetivación discontinua y psicoanálisis. Incertidumbre y certezas*. Buenos Aires: Lugar Editorial.

Puget, J. (2018). Prefácio. In A. R. Trachtenberg, *Por que psicanálise vincular?*. Porto Alegre: Criação Humana.

Puget, J. (14 de maio de 2020). *Profanar creativo... profanar desubjetivante: Tal vez... los caminos de lo incierto*. Ciclo 2020 “Las lógicas de producción de las prácticas”. Departamento de Pareja y Familia APdeBA, Buenos Aires, Argentina.

Copyright © Psicanálise – Revista da SBPdePA  
Revisão de português: Mayara Lemos

Recebido em: 19/04/2022

Aceito em: 05/05/2022

Ana Rosa Chait Trachtenberg  
Rua Mostardeiro, 05 / 806  
90430-001 – Porto Alegre – RS – Brasil  
E-mail: anarosact@gmail.com